

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO/IFM
LICENCIATURA EM FÍSICA
DOCENTE: Dr^a. CRISTINA MARIA ROSA
MATEUS B. L.
PROJETO DE ENSINO

Primeiro momento: O professor que desejo ser

Quando se menciona o tipo de professor que se deseja ser, logo vem à mente o método majoritariamente utilizado hoje nas escolas, no qual se considera o professor como o único possuidor de conhecimento e como aquele que realiza um monólogo dentro da sala de aula.

Penso que se perguntassem aos licenciandos se eles desejam ser este tipo de professor, grande parte, se não todos, responderiam que não. Porém, há muito tempo se tem criticado este método, que chamo de método do “professor monólogo”, e, mesmo assim, ele continua. Normalmente, quando se analisa esse tema, os envolvidos responsabilizam os alunos pelo desinteresse nos estudos ou atribuem à exagerada carga horária dos professores e à falta de incentivo financeiro dos governantes. Porém, mais importante do que perguntar de quem é a culpa, é se perguntar como não se tornar mais um desses professores.

A disciplina de Pré-Estágio, mesmo que, às vezes, não explicitamente, nos serve como um meio de tentar responder a essa questão antes de cairmos na sala de aula como docentes e sermos “engolidos” pelo, já atuante, método do “professor monólogo”, ou seja, definição + exemplo + exercícios.

Durante a disciplina de Pré-Estágio em Física, realizamos várias discussões cujas bases foram textos de diferentes autores. A discussão que mais me tocou foi a realizada no dia em que o texto *Ensinar ciências*, de Maria Emília Lima (2014), foi lido e analisado. Nele, a autora faz uma análise criteriosa de como entende o ensino nas escolas e conceitua o estilo “professor monólogo”. Para ela, o método avaliativo comumente utilizado – as provas – geram uma falsa sensação de aprendizado entre os alunos, que até conseguem realizar pequenas operações matemáticas para a prova, mas falham, quando o quesito é a interpretação de fenômenos. Existem vários testes sobre concepções espontâneas que confirmam a falha no aprendizado. Digo isso com autoridade, pois, em um desses testes, eu mesmo fui um dos alunos avaliados e o resultado dele foi exatamente como o sugerido pela autora.

Durante as discussões sobre os textos lidos na disciplina de Pré-Estágio, comumente baseava minhas argumentações na pouca experiência em sala de aula que tive, durante a realização de um minicurso na Disciplina de Instrumentação para o Ensino da Física II. Foram poucas aulas e, como não eram obrigatórias, os alunos presentes nunca eram os mesmos da semana anterior, o que se expressava em descontinuidade dos conhecimentos.

Lembro que, para poder dar a aula, devia se sacrificar metade dela para “relembrar” o que havia sido discutido nas semanas anteriores. Como resultado, os alunos não conseguiam entender plenamente o conteúdo, ou, o que considero pior, se desinteressavam do minicurso, pois a aula que assistiam era uma correria de retomadas. Uma das questões que advém dessa experiência é: como manter os alunos interessados?

Livros didáticos

Considero importante a presença dos livros didáticos nas escolas. Estes significam, em alguns casos, o único meio de transmissão de conhecimento para alguns dos adolescentes que lá estudam. Desse modo, os livros do PNLD¹, integram uma política pública e significam um fator social muito importante.

Para minhas aulas, porém, penso utilizá-los de outro modo, pois os considero o principal vilão causador do desinteresse dos alunos. Digo isso observando minha relação com eles: durante o ensino médio, não suportava ver, um professor atrás do outro, recitando palavras que não eram deles, tal e qual se encontravam escritas nos livros didáticos. Assim, durante meu estágio, planejo utilizá-los como ferramenta de estudo em casa.

Na sala de aula, quero fazer uso da teoria didática dos três momentos pedagógicos¹, no qual o principal pilar de ensino é o exemplo prático e cotidiano da aplicação da Física. Nesta proposta, o papel do professor é guiar o lapidar de conceitos prévios que os alunos possuem até que se atinja a teoria formal, ou simplesmente, um mediador do conhecimento dos alunos, ao invés de somente

1 No período de 1985-1988, o MEC desenvolveu o projeto “Diretrizes gerais para o ensino de 2º grau: núcleo comum e habilitação magistério”, que originou a denominada Coleção Magistério – 2º grau, publicados a partir do final dos anos 1980. Os livros propunham e usaram a dinâmica didático-pedagógica, que ficou conhecida como os “Três Momentos Pedagógicos”, que tinha como eixo estruturante uma concepção curricular balizada por temas geradores em sintonia com a perspectiva freireana da educação. O texto original faz parte do elenco de obras do Portal Domínio Público, mantido pelo MEC, que disponibiliza uma biblioteca digital desenvolvida em software livre, na qual o texto integral pode ser obtido, de acordo com MUENCHEN & DELIZOICOV (2014).

declarar seu próprio conhecimento. A física está presente no mundo, e é do mundo que mostrarei a física a meus alunos.

2º Momento: Descrição da escola e turma.

O Colégio Estadual Félix da Cunha foi o escolhido para realizar meu estágio. Este, que já é centenário, situa-se na Rua Gonçalves Chaves, região do Porto de Pelotas, tendo a maioria de seus alunos moradores das redondezas. Atualmente, funciona nos três turnos e possui um corpo docente de mais de 60 professores, atuando para mais de 700 alunos.

A região em que a escola se situa é considerada violenta, principalmente por causa do grande número de prédios da UFPel em seu entorno, o que a torna um alvo para possíveis assaltantes. Devido a isto, a segurança em seu interior é muito boa. Seu entorno conta com uma cerca alta e todas as janelas que dão acesso à rua são gradeadas. Em seu interior, diversas câmeras de segurança, também gradeadas, estão espalhadas em pontos estratégicos. A única porta de acesso ao interior, durante o período de aula, é mantida trancada e vigiada por um funcionário que não permite a entrada de estranhos sem primeiro falar com alguém da direção. Lembro que, nas primeiras vezes que visitei o local, tive dificuldade de entrar por causa disso. Dentro da escola, os alunos estão seguros da violência que assola Pelotas, porém, é possível que se sintam encarcerados por conta disso.

Quando à infraestrutura, a escola conta com diversas salas de aulas; uma biblioteca que se mantém aberta em horários específicos e durante o intervalo²; vários banheiros, masculinos e femininos; um amplo refeitório, no qual as turmas revezam seus horários para que não ocorra superlotação; uma ampla área sem cobertura, na qual se praticam as atividades de educação física, interessante para aulas ao ar livre; um auditório com projetor, possível de ser utilizado pelos professores caso desejarem; uma secretaria e um parquinho destinado aos primeiros anos do Ensino Fundamental. Notei que a escola possuía salas, banheiros e refeitório adequados para cadeirantes.

Quanto à organização e limpeza, a escola é impecável. Ela conta com diversas lixeiras com separação de orgânico e seco espalhados em seu interior, e, em nenhuma de minhas visitas, estes estavam cheios ou inutilizáveis; o refeitório

2 A funcionária responsável pela administração da mesma informou que imagina que os alunos só a frequentam para utilizar a internet grátis da escola;

está sempre limpo, pois, após cada turma terminar sua refeição, um dos funcionários realiza uma breve limpeza para receber a próxima turma, e, dentro da cozinha, todos os funcionários usavam luvas e toucas. Percebi que, no interior da escola não há lixo espalhado, o que indica que alguém realiza sua limpeza. Na sala dos professores, cada um possui uma determinada área em uma estante comum a todos, para guardar seus materiais, e, no dia em que pude observá-la, estava bem organizada. Além disso, diversos quadros de avisos estão espalhados pelo colégio, nos quais os professores fixavam avisos ou memorandos.

A turma observada

A turma observada foi do primeiro ano do Ensino Médio. Esta conta com 29 alunos matriculados, porém, segundo relatos, somente 16 deles são presentes. Os que estavam presentes, se propunham a participar e eram solícitos a questões realizadas pela professora. Um detalhe interessante é que preferiam fotografar o quadro a copiar no caderno, de modo a prestar atenção nas explicações enquanto a professora escrevia, ou pelo menos, isso foi o que me disseram.

Pude perceber que os alunos conseguiam acompanhar raciocínios de dificuldade moderada com certa facilidade, além de realizar facilmente as operações matemáticas básicas, indicando que o colégio oferece uma formação adequada nas séries anteriores. Além disso, ouvi em conversas entre eles, que alguns trabalham, o que imagino seja algo relativamente comum para estudantes do Ensino Médio. Por fim, a turma mantinha uma boa relação com a professora, chegando a fazer brincadeiras em momentos propícios, mas sempre mantendo o respeito.

3º momento: Objetivos para a docência.

Espero conseguir pôr em prática a metodologia por mim escolhida em todas as aulas que darei; ter uma relação de amizade para com os alunos; manter níveis baixos de nervosismo enquanto leciono –os que me conhecem considerariam está uma tarefa árdua – e, também, conseguir lidar com possíveis desavenças e/ou imprevistos que ocorram dentro da sala de aula. Almejo não me irritar com os alunos a ponto de perder a paciência e, por fim, usar a experiência de estágio para melhorar minha didática.

Quanto a meus alunos, neste momento especial de minha formação, espero que me vejam como alguém que está trabalhando para ajudá-los, e não como alguém que os está incomodando; que consigam compreender os temas a serem

discutidos; que se proponham a realizar as atividades solicitadas; que se interessem pela física e que mantenham uma alta porcentagem de presença nas minhas aulas.

E, quanto ao ensino de Física, pretendo que todos os conteúdos propostos no planejamento sejam abordados durante as aulas; que eu consiga fazer a ligação entre a Física e o mundo cotidiano e que, todas as questões provenientes dos alunos, sejam respondidas de maneira clara e correta.

4º Momento: Metodologia

A metodologia que planejo utilizar é baseada nos três momentos pedagógicos. A prática consiste em utilizar exemplos do cotidiano para instigar o aluno a pensar na física por traz do exemplo, enquanto o professor conduz esse pensamento.

No primeiro momento, o de motivação, um objeto/fenômeno do dia-a-dia é apresentado aos alunos e o professor tem a função de, primeiro, explicar para os alunos que não o conhecem, do que se trata, onde se encontra e como é utilizado, para, depois, iniciar uma série de perguntas cuja função é instigar o aluno a pensar como funciona a física que está por traz do aparato/fenômeno.

No segundo momento, o de fundamentação teórica, é papel do professor, a partir das respostas obtidas no momento anterior, conduzir os alunos a encontrar somente respostas que de fato tenham a ver com o fenômeno, sendo sutil de modo a não “entregar de bandeja” as respostas aos seus alunos. Uma vez debatidas todas as relações físicas presentes no fenômeno/objeto, é hora de introduzir a teoria que explica o fenômeno, sempre relacionando ao que os alunos já haviam descoberto. Nesta parte, planejo sempre trazer, além da teoria, o contexto histórico na qual ela foi descoberta.

No último momento, o de aplicação do conhecimento, o professor deve, então, utilizar a fundamentação teórica do segundo momento para explicar aos seus alunos como o objeto/fenômeno funciona.

No que se refere a materiais didáticos, planejo manter-me no quadro e caneta com auxílio de experimentos para os alunos visualizarem. Acredito que a Física fica mais palpável quando sua teoria é demonstrada do começo ao fim, enquanto os alunos acompanham a linha de raciocínio que leva a ela, para culminar na aplicação pratica de um experimento

5º Momento: Avaliação

A avaliação que planejo utilizar será dividida em três partes de igual relevância. A primeira, será relacionada com a participação e empenho dos alunos durante as aulas; A segunda, um trabalho com questões sobre o tema. Nesse momento, como terceira nota, espero que cada aluno desenvolva, no quadro, uma questão, escolhida aleatoriamente. Penso que, utilizando este método, os alunos irão se empenhar em entender todo o conteúdo do trabalho, de modo a não falhar na apresentação no quadro.

6º Momento: Modelo de plano de aula

Tempo de duração da aula: 25 à 35 minutos;

Objetivos: Demonstrar experimentalmente o conceito físico de calor específico;

Conteúdo a ser trabalhado: Calor específico;

Pré-requisitos: Conceitos de calor e temperatura.

Procedimentos: Utilizar os 3 momentos pedagógicos para realizar a aula. Estes são:

1) Realizar questões sobre o aquecimento de itens em um fogão a gás:

- Alguém já esquentou água em um fogão a gás? É demorado? E as grades do fogão, também se aquecem? Qual dos itens demora mais para se aquecer? Por que?

Acrescentar perguntas conforme forem as respostas dos alunos. (5-10 minutos).

2) Iniciar o experimento das colheres e, enquanto este ocorre, apresentar o conceito de calor específico para os alunos. (15-20 minutos).

3) Aplicar o conceito de calor específico no cotidiano do aluno, utilizando o exemplo do fogão a gás citado no primeiro momento. (5-10 minutos).

Materiais didáticos: Quadro negro e giz ou quadro branco e caneta; Experimento das colheres.

Avaliação: Avaliar por meio das seguintes questões:

- Quais os conceitos físicos envolvidos no de calor específico?
- Qual das colheres possui maior valor de calor específico?

- Explique por que existe diferença na velocidade de aquecimento dos itens no fogão a gás, embasado pelo conteúdo teórico da aula.

Experimento das colheres:

Material Utilizado: Colher de madeira, colher de ferro, papel alumínio.

Realização do experimento: Envolve as duas colheres com o papel alumínio, exceto por uma de suas extremidades. Após, ponha as pontas das colheres não envoltas por alumínio embaixo do braço de um dos estudantes e deixe por 5 minutos. Então, com o uso de termômetro, verifique a temperatura das duas colheres.

7 ° momento: Detalhamento das aulas

Fui agraciado em poder ter os dois períodos de física da semana juntos, porém, estes eram num dos piores horários possíveis, os dois últimos da sexta-feira. Geralmente os alunos estavam cansados e querendo ir embora, ansiosos pelo ultimo sinal. Além disso, pelo que poderá ser notado nos detalhamentos de aulas específicas, sexta-feira é um dia de muita evasão escolar no Felix da Cunha. E foi na sexta-feira dia 1/06 que se iniciaria meu estágio.

Aula 1:

O trajeto de ônibus da minha residência até a escola leva em torno de 30 minutos, lembro-me de só conseguir pensar nos “toques” e “manias” que apresento quando fico muito nervoso, e essa lembrança só servia para me deixar mais nervoso. Cheguei alguns minutos antes do horário da aula, o que me permitiu ter uma breve conversa com a professora Beth. Nesta conversa, ela me disse que não iria me acompanhar até a sala de aula, mas que estaria na sala dos professores caso eu necessitasse de algo. Essa notícia me deixou um pouco mais confiante, pois demonstrou que a professora acreditava que eu conseguiria me virar sozinho, e me deixou mais calmo pois se qualquer coisa atípica ocorresse, ela seria alguém que eu poderia recorrer.

Eu havia realizado algumas observações, o que permitiu as seguintes reações de dois alunos. O primeiro, ao me ver, largou um “ih, hoje é com o estagiário”. Em resposta a esse, um aluno disse “ah não!”. Confesso que isso não me deixou muito contente, mas na hora eu achei até engraçado, o que ajudou a “quebrar o clima”. Outro fator que contribuiu para me acalmar foi o fato de haver

somente 6 estudantes presentes naquele dia. Me apresentei e logo chamei os alunos presentes para um mesmo canto da sala, para que eu pudesse focar minha explicação em uma região só, os alunos prontamente se deslocaram.

Decidi iniciar a aula fazendo uma sondagem sobre os conteúdos que a professora Beth havia ministrado para eles, de modo a saber se os alunos tinham os pré-requisitos para a minha aula. O resultado foi bastante satisfatório, e pude prosseguir falando sobre calor específico, como descrito no plano de aula. Os alunos foram muito participativos e consegui dar tudo o que foi planejado, sobrando até tempo para uns exemplos aleatórios com a equação do calor específico.

Assim que comecei a dar o conteúdo o meu nervosismo sumiu, mas no lugar dele, penso que pode ter entrado outro empecilho: o protagonismo excessivo. Quem me conhece confirma, quando eu me empenho em explicações é difícil me fazer parar. Penso que minha aula foi quase um seminário, digo quase pois a todo momento eu os instigava com questões para prosseguir com as explicações, e isso é o que acho que possibilitou o aprendizado nesta aula “seminário”.

Nunca tinha ministrado uma aula, seminário ou apresentação por tanto tempo ininterrupto. Ao final, eu estava satisfeito, pois consegui manter o modelo de ensino que almejava e consegui dar cumprir também o plano de aula, mas com bastante sede.

Aula 2:

Para esta aula, grande parte do nervosismo inicial já tinha passado, então utilizei o tempo de deslocamento até o colégio para repassar em minha cabeça como seria a aula do dia. Tudo muito bem até entrar na sala de aula. Lá, bate um desespero: 13 alunos presentes, mais que o dobro dos que tinham ido na primeira aula. Toda a preparação que tinha realizado sobre a aula deste dia deveria ser refeita ali, na hora, pois não poderia simplesmente continuar com o conteúdo, sendo que nem metade dos presentes tinha visto a aula anterior.

Decidi por refazer a primeira aula de maneira condensada, em um único período, e com o segundo dar sequência no conteúdo, que seria falar de dilatação térmica. O resultado dessa escolha não foi o mais satisfatório, pois senti que a minha aula sobre calor específico foi muito ruim comparada com a da semana passada, pois nesta semana teve que ser na correria. Além disso, dei sequência com o conteúdo de acordo com o que havia planejado e com o plano de aula, mas por “gastar” um período para refazer a primeira aula, o meu tempo acabou e ficaram faltando os tópicos de dilatação superficial e volumétrica. Optei pelo uso de aspas na palavra gastar pois creio que de fato foi um período gasto para os alunos que estavam presentes na primeira aula, mas não tinha outra opção se não utiliza-lo da maneira que utilizei para incluir os demais alunos no conteúdo. Esta aula me serviu de aprendizado sobre como resolver os problemas sob pressão, e ainda mais, de ter sempre um plano B.

Não bastasse o curto tempo para muito conteúdo, neste dia fui interrompido diversas vezes por pessoas alheias na porta, que como descrito anteriormente, não possui maçaneta e é escorada por uma cadeira, ou seja, cada interrupção resultava

em um imenso barulho que quebrava qualquer pensamento. Lembro-me de voltar para casa um tanto decepcionado neste dia.

Aula 3:

Ao entrar na sala, pude observar como oscila a frequência dos estudantes no colégio, somente 7 estavam presentes. Ao conversar com os outros professores no término desta aula, eles me disseram que as ausências eram muito normais, e que só eram tomadas medidas caso um estudante faltasse por 5 aulas seguidas. Aparentemente não existe mais reprovação por falta na escola.

Novamente convidei os alunos para a frente da sala, de modo a focalizar minha explicação em uma região, e novamente eles se deslocaram prontamente. Assim como na primeira aula, ocorreu tudo muito bem, o que me fez preocupar-me se somente funciono para pequenas “plateias”. Consegui encerrar o conteúdo de dilatação térmica, o que levou pouco tempo pois a dilatação superficial e volumétrica em muito se assemelham com a dilatação linear, a qual os alunos já possuíam conhecimento advindo da aula anterior. Após, dei sequência no conteúdo seguindo o descrito no plano de aula.

O experimento que trouxe sobre calor latente foi um sucesso. Os alunos ficaram encantados ao poder observar que a água pode estar tanto no estado líquido quanto sólido a 0 Celsius. Alguns deles pediram para fazer o experimento eles mesmo, para garantir que eu não lhes estivesse “sacaneando”. Um aluno tentou medir a temperatura de seu próprio corpo com a utilização do termômetro para ver se o termômetro estava correto, mas para isso ele envolveu sua mão em seu moletom, e então envolveu a extremidade do termômetro, surgiu nesse momento uma oportunidade de aprendizado para eles. Utilizei o conceito de isolante térmico para explica-los o porquê de a temperatura do termômetro não estar aumentando e eles prontamente se lembraram desse conteúdo e concordaram comigo. O experimento definitivamente foi uma ferramenta que agradou os estudantes e facilitou a compreensão do fenômeno. Mais informações sobre o experimento estão contidas no plano de aula.

Algo que é necessário acrescentar pois foi atípico, é que os lixeiros não estavam presentes na sala de aula devido ao fato de alguns alunos do turno noturno terem urinado neles. Essa situação foi um “gostinho” da situação do ensino público para mim.

Nesta aula eu apresentei uma opção de avaliação para os alunos que seria da seguinte maneira: Eles fariam uma lista de exercícios cuja correção corresponderia por metade da nota. A outra metade viria de uma apresentação no quadro da resolução de um dos exercícios, que seria escolhido aleatoriamente. Tive a experiência de passar por esse método avaliativo na faculdade, e o achei deveras interessante. Os alunos concordaram com o método apresentado, e então eu lhes disse quais questões eles deveriam realizar, todas listadas no livro didático utilizado pela escola.

Aula 4:

Decidi usar os dois períodos da minha quarta aula para dar um reforço matemático para os estudantes, de modo que eles conseguiram então realizar o trabalho dado. Nesta data a professora Cristina esteve presente me observando. No caminho da escola, estava levemente nervoso por um dos professores da disciplina de estágio ir à escola me observar hoje, mas tive alguns breves minutos livres de conversa com a professora antes da minha aula que certamente aliviaram a tensão.

Devido à natureza da aula, não foi possível utilizar da metodologia dos 3 momentos pedagógicos que vinha utilizando até então. O molde utilizado foi bem o de “resumão” de cursinhos. Os alunos estavam bem animados e participativos com a aula, gosto de pensar que minha atuação quase que cômica durante as explicações (devido à natureza da aula) tenha jogado um papel nisso.

Meu plano era realizar uma disputa entre dois grupos na turma que envolveria desafios matemáticos, mas, ao ouvir o sinal do fim do primeiro período, tive que cancelar a atividade para conseguir vencer todo o conteúdo, o que foi uma pena. Novamente, o tempo foi um inimigo da minha aula, e tive que novamente remoldar o meu planejamento sob pressão, o que gosto de pensar que pelo menos me serviu de aprendizado.

Para finalizar a aula, a professora Cristina decidiu tirar algumas fotos da turma para lembranças. Neste momento pude sentir uma boa ligação entre professor/alunos com eles, já que fizemos até algumas poses engraçadas para as fotos.

Quanto ao trabalho, tive alguns comentários de que eles não conseguiram fazer-lo, porém, creio que simplesmente não o fizeram. Neste dia eu ainda não tinha marcado uma data de apresentação com eles, e quando o trabalho não é eminente, os alunos tendem a não dar muita bola pra ele – digo pela minha experiência estudantil – . Para resolver isso, decidi marcar a apresentação para a semana seguinte, já que agora os alunos saberiam o básico de matemática para resolver as questões, e eles concordaram.

Aula 5:

Nesta data o professor Rafael iria realizar a observação. Lembro de novamente sentir-me um pouco mais nervoso do que quando fui observado pela Cristina. Creio que principalmente por que hoje o que seria observado seria se eu sei ensinar Física especificamente, ou seja, nervos a mil para evitar qualquer idiotice de sair da minha boca.

Logo quando cheguei no colégio, tive a notícia de que hoje seria o último dia de aula antes das férias dos alunos, e houve muita insistência de alguns professores de me fazer não dar aula para liberar os alunos mais cedo. Por fim, para não haver complicações, concordei em dar somente um dos meus períodos.

O planejado para esta aula dependia de os alunos terem ou não realizado o trabalho. Caso sim, seria a apresentação dos problemas no quadro, caso não, o plano era dar sequência no conteúdo e iniciar a primeira lei da termodinâmica, porém, ao conversar com os alunos em sala, estes me disseram que estavam com muita dificuldade de tirar as informações necessárias dos problemas. Isso somado

com meu horário reduzido me fez escolher por utilizar o período que tinha como aula de exercícios.

Foi uma aula corrida e meio bagunçada, pois um período não era o que havia planejado, mas penso que me virei bem. Os alunos citaram exemplos dos problemas que tiveram dificuldades e tentei realizar construindo o raciocínio junto com eles esses exercícios no quadro. Nesta data eu tive a confirmação de algo que já esperava: os alunos conseguem compreender a parte conceitual com certa facilidade, mas utilizar os conceitos para quantificar valores com o uso de equações os apavora.

Aula 6:

A sexta aula só veio a acontecer 3 semanas após a quinta aula, devido as férias estudantis. Novamente, eu tinha planejado que esta aula poderia ocorrer de dois jeitos: A apresentação de trabalhos, caso os alunos tivessem realizado os exercícios; ou simplesmente uma aula para relembrar os conteúdos e avisar-los que na próxima semana ocorreria uma avaliação convencional, ou seja, prova.

Ao chegar na sala, me deparei com dois estudantes os quais não conseguia reconhecer. Ao perguntar-lhes se haviam sido transferidos, eles me responderam que não, o que me confirmou que estes haviam faltado as últimas 5 aulas. O que é interessante é que o intervalo entre essas aulas foi de mais de 2 meses, tendo em vista os jogos da copa e as férias, e por 2 meses esses alunos haviam faltado todas as sextas-feiras, confirmando que faltas não geravam reprovação na escola. E o mais interessante ainda não foi citado, a única aluna que realizou o trabalho foi uma das pessoas que faltaram todas as aulas anteriores. Esta foi denunciada por seus colegas de que simplesmente plagiou as respostas de um solucionário da internet, o que não me perturbaria desde que ela entendesse o que estava fazendo. Perguntei a ela em tom amigável, em nenhum momento sendo desrespeitoso se ela conseguiria explicar alguma das questões que respondeu, e a resposta, como esperado, foi não. Devido a isto e aos demais alunos não terem realizado o trabalho, dei-lhes a notícia de que haveria prova no nosso próximo encontro, notícia que eles ouviram com tranquilidade.

Para a aula em si, optei por manter um clima mais casual, num tom de conversa entre os alunos, nos quais discutíamos os conceitos de calorimetria e dilatação térmica. Resolvemos em conjunto alguns exercícios simples e sanamos dúvidas. Durante essa “conversa”, mais específico quando falávamos sobre mudança de estado físico, um dos alunos utilizou o que foi observado no experimento da terceira aula para debater com um colega se era possível ou não existir água no estado líquido e sólido a zero Celsius. Esse ocorrido me deixou bastante feliz e me confirmou que a utilização de experimentos auxilia muito no entendimento e na fixação dos conteúdos.

Conclusões:

Acredito que durante as aulas do estágio consegui me manter fiel ao projeto

de ensino que havia planejado, adotando o método dos três momentos pedagógicos. Este foi muito bem recebido pelos alunos, já que ligava diretamente a física com objetos e fenômenos do cotidiano deles e abria condição para uso experimental em sala, tornando a física mais palpável. Além disso, o método adotado teve um excelente resultado no quesito de compreensão conceitual, na qual os alunos estavam “craques” no conteúdo, com base em minhas observações. As diversas aulas nas quais os alunos não realizaram o trabalho serviram parcialmente como aula de exercícios, sanando suas dúvidas também na parte quantitativa, logo, penso que eles tiveram um ensino completo do conteúdo abordado.

Quanto aos alunos, creio que consegui manter uma relação bem amigável com eles, tendo em vista que eles me cumprimentavam como se fosse um de seus amigos estudantes, e mesmo em um clima mais casual, mantiveram o respeito perante a mim a todo momento. Sempre que solicitados os alunos prontamente atendiam minhas chamadas, e eram bastante participativos nas questões que eu propunha para desenvolver os conteúdos, o que facilitou em muito a utilização do método pedagógico. Além disso, creio que por se tratar de uma turma pequena, os alunos não causaram nenhum tipo de transtorno, tornando as aulas bastante leves e fluidas. O que tenho para reclamar deles é na questão de presença, já que os alunos faltaram demais nas aulas e o número de alunos presentes estava sempre oscilando com o passar das aulas, chegando ao cumulo de dois alunos só se apresentarem na última aula antes da avaliação. Como citado anteriormente, já tive problema com frequências de alunos em minhas apresentações, e um medo que eu tinha é que despertava tédio nos alunos. Tenho confiança de que esse não foi o caso durante meu estágio, já que meus alunos sempre estavam interessados e participativos.

A experiência em estágio foi deveras interessante, tanto como engrandecimento pessoal por saber o que o professor que está me dando aula está sentindo na pele, quanto como engrandecimento profissional, por me dar experiência na licenciatura. Além disso, esses dois meses me deram a certeza de que eu escolhi a carreira certa para mim.

Referências:

HALLIDAY, David / WALKER, Jearl e RESNICK, Robert. Fundamentos de Física 2 - Gravitação, Ondas, Termodinâmica. 8ª Ed. São Paulo: LTC, 2011.

LIMA, M., AGUIAR, O., BRAGA, S. Ensinar ciências. In: SOUZA, J.V.A. & GUERRA, R. Dicionário Crítico da Educação. (p. 115-118). Belo Horizonte: Dimensão, 2014.

MUENCHEN, Cristiane & DELIZOICOV, Demétrio. Os três momentos pedagógicos e o contexto de produção do livro “Física”, Artigo. Ciênc. Educ., Bauru, v. 20, n. 3, p. 617-638, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v20n3/1516-7313-ciedu-20-03-0617.pdf>